

Pensamento multidisciplinar e design

Rita Filipe^a

Resumo

Este texto surge no contexto da investigação de doutoramento em Design com o tema “Vista Alegre, transpor a forma e prolongar o uso”. Um trabalho teórico-prático com a fábrica de porcelana Vista Alegre, pertinente pelo seu legado tradicional e pela excelência das técnicas manufatureiras em risco de abandono.

Faz-se uma reflexão sobre o funcionalismo, procurando rever metodologias projetuais generalizantes. Indo ao encontro do valor simbólico e cultural de cada objeto para prolongar o uso e refrear a produção. Sobre a cultura tradicional e vernacular como termos de linguagem que nos aproximam da diversidade e cosmopolitismo contemporâneos. E finalmente sobre antropologia e sociologia aplicadas ao design, que nos aproximam das práticas do quotidiano de cada um, para trabalhar com materiais e modalidades de diferença cultural.

Palavras-Chave

Design de Produto, Funcionalismo, Antropologia, Sociologia, Diversidade cultural.

Abstract

This text appears in the context of the PhD research in Design with the subject "Vista Alegre, to transpose form and to prolong use". A theoretic-and-empiric work about the porcelain industry of Vista Alegre, pertinent for its traditional legacy, as well as for the excellence of its manufacturing techniques at risk of extinction.

A reflection is made about functionalism, seeking to revise generalizing design methodologies. Meeting the symbolic and cultural value of objects, to prolong its use and curb amount of production. About traditional and vernacular culture, as terms of language that bring us closer to contemporary diversity and cosmopolitanism.

And finally about anthropology and sociology applied to design, which bring us closer to the everyday practices of each one, to work with materials and modalities of cultural difference.

Keywords

Product Design, Functionalism, Anthropology, Sociology, Cultural Diversity.

Introdução

As questões projetuais colocadas por este tema surgiram na sequência da Tese de Mestrado intitulada: “Transposição dos Objetos Tradicionais para a Contemporaneidade” (2007). Na fase final desse trabalho surgiu a questão da apropriação criativa dos objetos, sobre a qual se concluiu que se os objetos não estivessem vinculados a uma função pré-definida poderiam ser apropriados de diferentes maneiras, tempos e culturas, e poderiam manter-se em uso durante mais tempo.

Na sequência desse trabalho foi agora feita uma investigação teórica sobre o funcionalismo, procurando argumentos para refutar a tal relação forma/função e adotar uma nova relação forma/uso.

Design e funcionalismo

O estudo dos antecedentes do funcionalismo procura equacionar questões mais abrangentes relacionadas com as várias perspetivas da funcionalidade, tal como o lugar justo da beleza ou o valor de uso ou da função, da conveniência, utilidade e propósito, cujos significados variam de autor para autor, como princípios orientadores para o projeto de design.

“O Funcionalismo pode ou não envolver uma teoria do Belo. A utilidade e a adequação podem ser vistas como uma medida de excelência ou de perfeição de um edifício, mas não necessariamente como um parâmetro de beleza. Isto é verdade para os teóricos que negam a validade de uma procura consciente do Belo. Para estes Funcionalistas, que investem nesta procura, o princípio ‘a

^a Designer, Professora Auxiliar na Faculdade de Arquitetura de Lisboa e investigadora no CIAUD. E-mail: ritaalmeidafilipe@gmail.com.

forma segue a função' torna-se a condição fundamental da beleza. As teorias funcionalistas na arquitetura são as que fazem da adaptação da forma à função o princípio básico do projeto, e o parâmetro com que deve ser medida a excelência ou a beleza do resultado final" (De Zurko, 1957, p. 4).

Mas deparamo-nos também com textos sobre a vivência autêntica e a fluidez da natureza em constante mudança; a arquitetura orgânica que funciona como um organismo num estado de permanente adaptabilidade, não planeado resultante do contributo de todos; ou a proximidade entre o artesão e o seu próprio trabalho, tal como na Catedral Gótica, associada ao conceito de obra de arte total.

Importa portanto notar que nem todos os que advogam o design orgânico são apologistas de um design puramente funcional. Este equilíbrio formal e ética moral também pode exprimir a perfeição da Natureza, como a origem primordial de todas as coisas, mas também das emoções. Tal como a origem das palavras com que definimos as nossas impressões, como algo que tentamos completar e aperfeiçoar.

Claude Bragdon (1866-1946), que podemos associar com Louis Sullivan e Frank Lloyd Wright, confrontou a arquitetura Gótica (orgânica) com o Renascimento (planeado) e sustentou que na arquitetura orgânica a forma é sempre determinada pela função, mudando quando ela muda. Enquanto a arquitetura do Renascimento representa um ideal na qual a função se deve acomodar a formas e proporções pré-concebidas, tendo menos em vista a sua adequabilidade e expressividade do que a sua beleza inata (modelo). Tal como na produção tradicional da Vista Alegre, em que assistimos à sugestão de formas com funções fixas, como nos serviços 'à francesa', numa imensidade de peças obsoletas que interessa diluir em formas mais abertas a vários usos, mais diversos e atuais.

A importância do problema do funcionalismo é premente no contexto deste trabalho, porque é um conceito que no âmbito do design está também associado com o *Modern Style*, ou o *Functional Style*, que parecem ter induzido à globalização das formas e das práticas no quotidiano. Formas modernas mas também com funcionalidades fixas. Existe a noção de que há algo de essencialmente moral sobre as formas simples, eficientes e funcionais. Mas o estudo sobre o funcionalismo revelou aspetos poéticos, simbólicos e sociais que não justificavam a homogeneização das práticas do quotidiano ou sequer a depuração formal que daí resultou, mas pelo contrário sugeriam a verdade numa analogia orgânica com os objetos,



Imagem 1 - Ruskin, Monte Branco, Saint-Martin-sur-Arve, 1874, e estudo para porcelana, 1871

Fonte: Ashmolean Museum, University of Oxford, sem mais referências.

mais próxima da diversidade e cosmopolitismos contemporâneos.

E é curioso como os argumentos que levaram os arquitetos e designers a promover uma estética dita Funcionalista, sem qualquer tipo de decoração, num equilíbrio ou composição puramente racional, que identificamos com o Modernismo, levam hoje a promover a mesma integridade, honestidade e verdade connosco próprios, mas para proclamar a recuperação e manutenção da identidade dos objetos. Feitos de forma íntegra, com a perícia técnica que lhes dá origem, e que porventura em prol dos interesses do capitalismo se podem perder para sempre na Vista Alegre. Procura-se agora restituir e visitar as influências históricas que transportam consigo a noção de orgânico, pelo equilíbrio moral e ético da produção que lhes deu origem.

Mas só os funcionalistas extremos exigem a rejeição absoluta da aplicação da pintura ou da escultura em si. E regressando a De Zurko: "o que é desnecessário (ou estritamente necessário) não é necessariamente disfuncional, ou não-funcional; pode ter valor ou ter uma justificação, e acrescentar alguma coisa ao objeto tornando a sua funcionalidade mais perceptível na forma e no uso, ou ajudar a estabelecer na mente do utilizador ideias apropriadas e emoções para complementar a função do objeto ou celebrar e facilitar o seu uso" (De Zurko, 1958, p. 238). "O problema é interpretar o funcionalismo de uma forma mais vasta, para que seja inspirador e não restritivo e que proporcione um tom de expressão criativa" (De Zurko, 1958, p. 240).

Neste caso propõe-se celebrar e prolongar o uso dos objetos.

Assim, com o intuito de desenhar para os nossos dias, objetos que retratassem a cultura material atual e que simultaneamente respei-

tassem as características da produção da Vista Alegre, sugerindo uma nova leitura sobre o seu legado, investigou-se sobre o pensamento contemporâneo e o espólio da Vista Alegre, a par da tradição mundial da porcelana e suas influências na história da fábrica. E estabeleceu-se um paralelo entre as várias influências formais na Vista Alegre e o cosmopolitismo da diversidade contemporânea. Esta opção induziu-nos a pesquisar sobre as origens das formas e modos de fazer, e sobre o que significa essa apropriação, ou tradução, da cultura tradicional e vernacular para o mundo pós-colonial atual. Hoje constituído pelo somatório de diferentes culturas e práticas híbridas, conectadas por trocas simbólicas que atribuem valor e significado aos objetos.

Tal como afirma João Leal (2013, p. 13), “contra essa visão que tende a fechar, devemos defender uma visão que abra. Uma visão que transforme o Património Cultural não num lugar de exclusiva reclamação de singularidades mas num lugar de rastreamento e montagem de diálogos. Ou num lugar que pelo menos se esforce por articular ambos os registos: singularidades e diálogos. (...) Mas também no sentido em que o Património Cultural deve partir de uma conceção da cultura como algo que se move, que transita, que circula, feita de fluxos, de transformações no espaço e no tempo, em resumo, de mobilidade”.

Trata-se das dinâmicas das apropriações e de traduções culturais como processos de contaminação cultural, a reformular através das práticas híbridas e não tanto das identidades, ou de narrativas históricas, porque nos aproximam uns dos outros da ‘esfericidade do Mundo’, de que fala Homi Bhabha (2013), e não nos afastam ou colidem pela imposição de culturas fixas ou modelos formais impostos, em tudo exteriores à vida das pessoas. Por esse motivo também se questiona o funcionalismo, preferindo deixar o uso em aberto à diversidade dos consumidores.



Imagem 2 - Ceramic Study rooms Victoria and Albert Museum, Londres, e estudos Rita Filipe
Fonte: Elaboração própria, 2015.

Design e sociologia

Uma ideia interessante nas reflexões sobre o funcionalismo no âmbito da sociologia, é a questão sobre como a ordem ou a estabilidade social são mantidas ao longo do tempo através das mudanças sociais, políticas, económicas e culturais. E como as sociedades permitem e promovem as mudanças, sem perda de coesão social. Se por um lado uma sociedade deve manter a sua herança cultural e social para manter a sua memória, identidade e objetivos coletivos comuns, por outro lado é importante que seja capaz de mudança social e inovação tecnológica e cultural, como sinal de progresso, riqueza e sofisticação. Esta é uma questão abordada no âmbito do design e no contexto deste trabalho, e sobre a impermanência do significado e o papel dos objetos na mudança social. Na esteira da ideia da alternância dos usos no mesmo objeto, e portanto do seu significado.

Para Parsons (King, 2004, p. 21), “o Funcionalismo está decisivamente equivocado porque este não conseguiu explicar o facto manifesto da ordem social a partir da sua própria ideia de indivíduos racionais. Se os seres humanos são genuinamente independentes, o funcionalismo não pode explicar o facto de os seres humanos viverem a maior parte do tempo em contextos sociais estáveis e previsíveis”. Esta dualidade é essencial no contexto deste trabalho: Como projetar para indivíduos ‘autênticos’ (independentes) no contexto industrial da produção de massas? Como sugerir a alternância do uso e do significado no mesmo objeto? Como sugerir um uso pessoal (autêntico) num objeto produzido em grande escala? Como ser independente numa sociedade construída por todos, com objetivos comuns?

Isto aplica-se em tudo na apropriação dos objetos, porque as pessoas, ou os atores (termo usado também nos escritos sobre o Existencialismo), embora previamente vistas como livres e racionais, acabam por se coordenar, dentro do contexto do sistema social, para objetivos comuns, nomeadamente no uso que fazem dos objetos funcionais. E portanto o seu comportamento ou estilo de vida será também previamente determinado pelo sistema, porque leva à funcionalidade social e à comunhão de objetivos na construção do facto social, na conceção de Durkheim (King, 2004, p. 21).

Assim, é de facto importante questionar o funcionalismo nas ciências sociais, e propor novas orientações comuns e novos entendimentos, para sugerir uma alternativa real à produção

atual. Se os objetos sem um uso pré-determinado deixam de contribuir para a ordem social, perdem o seu caráter de distinção social, mas não deixarão de ter significado cultural?

Se o funcionalismo é um conceito sociológico e antropológico de manutenção da estabilidade numa sociedade, este é também um conceito proposto e transmitido através dos objetos e da cultura material, no sentido que os objetos utilitários sugerem a manutenção de práticas do quotidiano ou rituais que refletem estabilidade ou diversidade social. O que explica também a necessidade de um ‘preceito’ modernista generalizante que transporta conceitos relacionados com a moral e a ética, e que assim contribui para as práticas homogeneizantes, pelo menos em todo o mundo Ocidental, sem as quais nunca seria possível a atual globalização, no que se refere à circulação de pessoas e bens. E onde nos movemos de acordo com as mesmas regras e princípios, sem qualquer estranheza nos comportamentos sociais nem mesmo éticos, entre as diversas nações com hábitos originais diversos (provavelmente uma mesma sociedade?). “O sistema oblitera o agente individual para as suas necessidades funcionais” (King, 2004, p.37).

Mas a sofisticação da sociedade atual que progride no sentido de atenuar as diferenças sociais entre as pessoas, pode também promover a sua autonomia cultural, fazendo com que todos sejamos produtores de cultura material, de objetos, e de significado. Atenuando-se assim também as discrepâncias culturais, de baixa e alta cultura, tornando-nos todos simultaneamente atores e espectadores de uma cultura construída por todos e para todos.

A ideia da responsabilidade individual na manutenção da sua existência pode também significar o destituir da sociedade de consumo como responsável pelo fornecimento de bens materiais. Assim, cada um, de acordo com a sua cultura, recursos, e do único que há em si, pode contribuir de forma mais significativa para uma existência cultural coletiva partilhada.

Assim, e de acordo com Daniel Miller (1997), as grandes mudanças são operadas dentro de casa, “a partir da porta de entrada”, e não em grandes revoltas ou revoluções, e poderá ser de facto deste modo que surgirá uma mudança na atual sociedade industrial e capitalista. Não é por grandes viragens na indústria, na reciclagem, ou outras iniciativas institucionais que vamos mudar os padrões de consumo e de comportamento, mas na procura, que é hoje uma necessidade real, de novos sistemas produtivos mais individualizados – os tais subsistemas mais so-



Imagem 3 - Think Public, design de serviços, e Imran Qureshi, Blessings Upon The Land of My Love, Sharjah Biennial, Sharjah, <http://thinkpublic.com/ideas/youcankingston>, 2011.

Fonte: Elaboração própria.

fisticados, e novamente mais relacionados com a produção manufatureira, com uma produção mais reduzida ou mesmo com as novas economias domésticas.

Se o funcionalismo como teoria dos sistemas implica o uso dos objetos como fazendo parte de um sistema funcional previamente determinado, e com o pós-modernismo assistimos à recuperação de uma iconografia clássica na arquitetura e no design, hoje assistimos ao dismantelamento dos sistemas funcionais e simbólicos em prol das pequenas comunidades de ideias produtoras de significado, que funcionam em rede, como subsistemas dentro de subsistemas como em Parsons (The Social System, 1951), preenchendo os requisitos funcionais, mas hoje de forma muito mais vasta e globalizada, e portanto também mais fragmentada (organizada mais por grupos culturais do que por territórios ou nacionalidades).

Mesmo o discurso de Baudrillard (1968) sobre o sistema de signos parece já ultrapassado, em que afirma que os objetos já não encontram a sua função primordial na sua utilidade, como era o caso das gerações anteriores, mas na sua materialidade, como símbolo de *status* social, o que constitui uma novidade diretamente ligada à modernização de economia e da sociedade francesa. Porque os interiores tornaram-se fundamentalmente ‘moduláveis’ para permitir ao dono da casa produzir uma mensagem especialmente destinada aos seus convidados: a sua ação torna-se um imperativo no qual concorre a procura do prestígio, mas através de práticas, significados e valores partilhados.

Na relação sobre a funcionalidade dos objetos na manutenção do facto social e sobre o significado que construímos com eles, encontra-se o ‘interacionismo simbólico’ que “se foca na relação entre os agentes humanos”, o que está relacionado com “o modo de que os agentes sociais competentes constroem e produzem sentido no

mundo social no qual operam” (Andrew e Sedgwick, 1999, p.395). Estas explicações são baseadas no registo detalhado do quotidiano, através da observação participada. E encontram-se mais nos fenómenos micro-sociais do que nas macro-estruturas descritas pelo Marxismo e pelo funcionalismo. Este aspeto é importante no contexto deste trabalho porque demonstra que o trabalho de observação participada é importante para averiguar sobre o interesse e uso real dos objetos durante a sua utilização, e não para fazer profecias sobre o futuro, adivinhando sobre o sentido que as pessoas lhe atribuiriam, “ignorando o espírito individual e a sua capacidade poética ou de produzir um significado pessoal, impossível de determinar previamente por um sistema de signos ou por um método pragmático” (Andrew e Sedgwick, 1999, p.397) – que surgiria como um nova ‘narrativa’. E é também importante como reflexão sobre o entendimento que as pessoas farão destes novos objetos a projetar para a Vista Alegre.

A noção de funcionalismo que aqui refutamos aproxima-se do Utilitarismo (Edgar e Sedgwick, 1999, p.425) que “está geralmente associado com a máxima que advoga ‘a maior felicidade para um maior número de pessoas’, ou o princípio de utilidade como fornecendo uma base para entender a vantagem de uma ação. Isto colocamos perante um dilema moral – como deveríamos agir de modo a maximizar a felicidade ou a satisfação do maior número de pessoas que seriam afetadas por esta ação?” E que tipo de ação pode afetar satisfatoriamente um coletivo formado por pessoas autênticas? E como afetaria o restante ‘menor número de pessoas’?

Design e antropologia

A relação entre design e antropologia revela-se aqui pertinente porque tal como afirmam Otto e Smith (2013, p. 3) “o seu sucesso é medido pelo



Imagem 4 - Coreia BBQ, e imagens de contexto.
Fonte: Elaboração própria, 2015

impacto material e social de soluções específicas, mais do que pela validação de soluções generalizantes”. E este é o processo próprio da antropologia e da observação participada. Segundo Dori Tunstall (2013), o Design associado à Antropologia, tem a possibilidade de desenvolver metodologias descolonizadoras e comprometidas socialmente, contribuindo para uma transformação genuína das relações sociais. Procura-se aqui investigar sobre qual o papel da cultura material no mundo atual e como pode traduzir valores em experiências tangíveis entre as pessoas.

Este trabalho procura investigar as questões que se colocam no âmbito da Antropologia, evitando interpretações perigosas ou conotações ideológicas do passado que possam surgir no trabalho com a cultura tradicional.

E não se trata de aferir metodologias ou regras práticas de investigação *step-by-step*, ou prever ou antecipar a vida das pessoas, tal como foi refutado por Anthony Dunne (2013). Porque a vida e as práticas das pessoas nada têm de previsível, antecipável, lógico ou matemático.

O mundo mudou. Não é plano nem é estático. Se anteriormente, procurávamos individualmente ou em pequenos ‘grupos de gosto’ construir um sentido com os objetos de produção de massas na sociedade capitalista, procurando demarcar-nos do *aparatus* do consumo, recorrendo também por isso ao artesanato e à cultura local, para nos situarmos ou nos reencontrarmos na aridez do panorama globalizado - hoje essa realidade ‘emancipou-se’ e a cultura material já é de facto constituída pelos contributos locais e vivências diversas para uma realidade global, porque é partilhada por todos.

E assim, tal como a apropriação criativa dos objetos de que nos falava Pierre Bourdieu (1984), e que antes era “uma realidade só para alguns” como nos fazia notar Daniel Miller em “*Design Discourse*” (1989), hoje é já uma realidade.

Também Sheldon Pollock (1998) nos indica a tal terceira via de resistência pela ligação e preservação afetiva dos objetos e das experiências vernaculares, ‘mesmo que a estrutura tenha mudado’ - ou porque a estrutura mudou (dizemos nós, e em plena consciência da impossibilidade da construção renovada de narrativas generalizantes) o nosso trabalho fica desinstrumentalizado, o que será aqui libertador.

O que nos leva novamente ao ‘design e antropologia’ e ao ‘design e etnografia’, porque são estes os instrumentos de estudo da cultura material através das práticas de um povo - o estudo dos objetos usados - na esteira de Leite de Vasconcellos (1933).

Existe aqui também uma preocupação em distinguir entre antropologia e etnografia, como uma sendo a narrativa sobre o projeto - pela análise da cultura de um povo através da sua relação com os objetos, e a outra a observação e análise da vida real das pessoas e das práticas associadas aos objetos - perscrutando novos usos.

Mas como os objetos neste projeto foram destituídos de funções pré-determinadas, o método etnográfico para a observação de novas necessidades, antes da conceção dos objetos não se aplica porque não se referem especificamente a novas funcionalidades. Servindo aqui a antropologia então para interpretar os objetos já produzidos e em uso, inseridos no contexto social e cultural.

No entanto, interessa lembrar que a ideia de desenhar objetos não funcionais partiu das conclusões da minha Tese de Mestrado, e da observação de que as pessoas podem fazer usos diferentes dos objetos da função que lhes estava previamente determinada. E foi esse estudo que me sugeriu que mesmo que os objetos não sejam concebidos para funcionalidades específicas, são apropriados em função da sua escala, forma ou cuidados com o material de que são feitos. E que embora tenham sido concebidos com maiores preocupações formais e culturais, a preocupação da possibilidade da sua apropriação se mantém. E que esta pode ser uma forma de prolongar o seu tempo de vida, porque não se tornam obsoletos.

Talvez por isso tenha intuitivamente recorrido a formas e desenhos que perduraram no tempo, e que podem ainda fazer sentido por muito mais tempo.

Na mesma perspetiva, Otto e Smith (2013) falam do termo ‘estilo de conhecimento’ para referir que a produção de conhecimento envolve mais do que pensar e raciocinar, sendo também importantes as práticas de ação no mundo que geram formas específicas de conhecimento, e referem que estas práticas estão a mudar. Distinguindo-o das questões do ‘estilo’ (*styling*), de carácter temporário ou sazonal. Esta observação é muito importante para validar este trabalho como designer no âmbito de um trabalho prático de investigação, e não como um ‘exercício de estilo’.

Embora a antropologia se interesse pela mudança social e pela capacidade de imaginação das pessoas para enquadrar o futuro, ela sozinha não tem instrumentos para intervir, porque por predefinição deve minimizar o impacto da sua presença nas sociedades observadas. O papel dos designers é o de intervir ativamente no contexto sobre o qual se interessam e operam, portanto quando interligadas ambas as disciplinas, o design oferece ferramentas e práticas integra-



Imagem 5 - Taça com tampa, Miura Koheiji, 1985 Ceramic Study Rooms, Victoria and Albert Museum, e taças Lótus para a Vista Alegre
Fonte: Elaboração própria, 2016

das para colaborar efetivamente com as pessoas na projeção dos seus futuros. Assim, simplificando, a antropologia produz teoria e o designer é treinado para intervir.

E enquanto a observação etnográfica me dá instrumentos para observar as minhas próprias práticas e no meu grupo de gosto localmente, a antropologia proporciona-me agora a possibilidade de teorizar ou estabelecer categorias que estão inevitavelmente associadas aos objetos, e que os designers não podem ignorar na abordagem contemporânea a artefactos de produção longínqua, sob o risco de cair novamente no exotismo ou no recriar de abordagens universalistas. Ou de transformar tudo em ícones Pop, como produções ‘aparatosas’ ou apropriações menos respeitadoras do vernacular por parte da cultura urbana.

No mesmo sentido Gatt e Ingold (2013) argumentam que a ‘antropologia-atraves-da-etnografia’ deve ser substituída pela ‘antropologia-atraves-do-design’. Vêm a etnografia como estando sobretudo interessada em descrições retrospectivas, enquanto a antropologia-atraves-do-design deve ser entendida como uma prática de correspondência, em sintonia com o fluxo dos acontecimentos, avançando a par das pessoas que seguem os seus sonhos, em vez de lidarem com acontecimentos que assim que acabam de acontecer já pertencem ao passado. Esta correspondência faz-se mais sobre improvisação do que sobre inovação, e mais sobre antevisão do que sobre predição. É um processo próprio da observação participada mas no momento do trabalho de campo projetado para o futuro, nas relações sociais, no conhecimento prático, em diálogo com os artefactos antropológicos, contribuindo para os efeitos transformadores como observantes participantes (Otto e Smith, 2013).

Em 2010 Bruce Nussbaum coloca a questão: “será o design humanitário o novo imperialis-

mo?” (Tunstall, 2013, p. 238). Colocando questões éticas como os designers sendo os novos missionários ou antropólogos, que chegam às populações com o intuito de as ‘compreender’ e torná-las melhores, ao seu modo moderno. Esta reflexão parece pertinente no sentido em que a intervenção Ocidental parece muitas vezes contribuir para o desaparecimento das construções locais em prole de uma vida ‘melhor’, não contribuindo para a recuperação do legado da cultura material tradicional, mas substituindo-o por artefactos ‘modernos’.

Segundo Tunstall o ‘Design e Antropologia’ constitui mais uma metodologia do que um método. Porque o que lhe interessa são os princípios e as regras para regular ambas as disciplinas e evitar um neocolonialismo e o imperialismo. Por descolonizado entende-se o independente e o autogovernado. E para Tunstall o design tem as ferramentas para operar esta transformação.

Como metodologia descolonizada o ‘design e antropologia’ debruçam-se sobre um sistema de valores, através do consenso e da transmissão para o futuro, num processo a que podemos chamar de transculturação. Num sistema dinâmico, em que cada geração negocia os elementos que compõem os sistemas de valores e de cultura; pelo reconhecimento do empréstimo mútuo entre culturas, mitigando e eliminando circunstâncias desiguais neste processo de empréstimos mútuos.

Assim a minha ideia inicial de destituir os objetos de funcionalidades pré-determinadas coincide de facto com uma atitude não colonialista ou descolonizadora porque os objetos não carregam hábitos associados ou práticas impositivas de um estilo de vida ou uma conceção da cultura material infligida às pessoas. Porque a tal observação participada feita em determinado ‘grupo de gosto’ não deve ser extrapolada para outro grupo – não se sugerindo com este trabalho uma atitude universalista através do design pela generalização do consumo intrínseco ao processo do design.

Notas conclusivas

O trabalho de investigação multidisciplinar elaborado com recurso a várias disciplinas do conhecimento serviu, por um lado, para enunciar questões pertinentes no panorama da cultura contemporânea, e transpô-las para a área de investigação do design. E para cruzar conhecimentos e estabelecer paralelos conceituais e filosóficos sobre assuntos sensíveis num mesmo

momento histórico ou contexto produtivo. Porque é da natureza do Design investigar sobre os vários aspetos que contribuem para a compreensão da relação que estabelecemos com os objetos - física, emocional e cultural.

A imagem de um designer como um artista isolado no seu atelier a produzir o seu próprio trabalho parece-nos estéril e sem sentido. Por mais utópico ou crítico que seja o conceito da sua produção. Esta é uma perspetiva de projeto que se procura afastar de uma tendência de um funcionalismo universalizante, tentando aproximarmo-nos da vida real das pessoas e das suas práticas no quotidiano. Assim, o designer inserido na sociedade para a qual desenha antevê necessidades do seu próprio grupo de gosto, ao invés de propor novas necessidades que levam a mais consumo, ou de propor objetos cuja funcionalidade fixa vai modelar ou formatar artificialmente a vida das pessoas.

Assim surgiu o método etnográfico, de observação dos comportamentos no uso dos objetos. Averiguando sobre o que temos e o que nos faz falta, ou o que deixámos de usar e porquê. Ou eventualmente, o uso que fazemos de objetos que não foram desenhados para a atual função e que revelam uma nova necessidade, pela alteração do seu uso.

Assim como na antropologia, ‘o objeto antropológico é o objeto usado’ (Silva, 2003) porque é o objeto que transporta a cultura dos costumes e rituais sociais, coletivos ou privados, e nunca generalizáveis de cultura para cultura. E o interesse pela tradição cultural revela muitas vezes objetos que ‘foram deixados para trás’ e que podem fazer novamente sentido, quer pelo uso como pelo seu valor simbólico.

Mas também o recurso à filosofia ou à estética, questionando-nos sobre o valor dos objetos, o seu significado conceitual e sobre os parâmetros da apreciação estética. Como no Belo e no Sublime. Porque quando nos afastamos da ditadura do funcionalismo, e de parâmetros rígidos na classificação dos objetos sentimos necessidade de encontrar novos parâmetros, como novos paradigmas, que expliquem o seu valor visual e simbólico, e a forma de o comunicar.

Os Estudos Culturais serviram também para contextualizar as ideias e perceber um pensamento transversal contemporâneo, que reconhecemos em cada área estudada, e na cultura emergente ou alternativa, que transpiram as mesmas inquietações.

Mas são sistemas por vezes muito complexos e intrincados para os designers, que temos porventura uma sensibilidade mais abstrata e

emotiva. Interessa-nos portanto aprofundar conhecimento teórico e prático que dê argumentos àquilo que intuímos, motivando e justificando os projetos de forma mais concertada.

Este estudo levou-nos também a questionar ideias fixas e instituídas, que constituem as bases da disciplina do design, como o funcionalismo e a forma/função, rever o contexto que lhes deu origem e averiguar da sua atualidade. As ideias originais eram mais abertas e fluídas do que pareciam, mas o tempo conduziu-nos a ideias feitas e a leituras redutoras, a nosso ver.

Questionar o modo produtivo foi aqui também premente, no que se refere à sustentabilidade humana e ambiental. Humana no sentido do valor que atribuímos ao trabalho manual e à excelência das técnicas tradicionais em vias de desaparecimento, e ambiental no que se refere ao consumo e à substituição compulsiva dos objetos. Recuperando a proximidade do autor ou artesão ao produto do seu próprio trabalho, que acrescenta valor simbólico e significado no uso dos objetos. No final deste estudo e do projeto prático podemos afirmar que a beleza destes objetos se refere à adequação da produção e do consumo.

Referências bibliográficas

- Andrew e Sedgwick (1999), *Key Concepts of cultural theory*, Londres: Routledge Key Guides.
- Baudrillard, Jean (1968), *Le Systeme des Objects*, Londres: Verso.
- Bourdieu, Pierre (1984), *A Social Critique of the Judgement of Taste*, Harvard: University Press.
- De Zurko, Edward R. (1957), *Origins of functionalist theory*, Nova Iorque: Columbia University Press.
- Filipe, Rita (2007), *Transposição dos objetos tradicionais para a contemporaneidade*, Tese de Mestrado em Design, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa, disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.5/4412>.
- Filipe, Rita (2016), *Vista Alegre, transpor a forma e prolongar o uso*, Tese de Doutoramento em Design, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa.
- Ingold, T.; Gatt, C. (2013), From Description to Correspondence: Anthropology in Real Time. In: Gunn, Wendy; Otto, Ton; Smith, Rachel (eds.), *Design anthropology: theory and practice*, Londres e Nova Iorque: Bloomsbury, pp. 139-158.
- Leal, João (2013), *Agitar Antes de Usar: A Antropologia e o Património Cultural Imaterial*,

Revista Memória em Rede, Pelotas, v.3, n.9, Jul./Dez. Lisboa: Universidade Nova.

- Miller, Daniel (1997), *Material Culture and Mass Consumption*, Londres: Wiley-Blackwell.
- Miller, Daniel (1989), *Design Discourse*, Chicago: University Press.
- Otto, T. e Smith, R. (2013), Design Anthropology: A Distinct Style of Knowing. In: Gunn, Wendy; Otto, Ton; Smith, Rachel (eds.), *Design anthropology: theory and practice*, Londres e Nova Iorque: Bloomsbury, pp. 1-29.
- Parsons, Talcott (1951), *The Social System*, Londres: Routledge.
- Pollock, Sheldon (1998), Cosmopolitan and Vernacular in history. In: Breckenridge, Carol et al. (eds.), *Cosmopolitanism*, Londres: Duke University Press, pp. 209-228.
- King, Anthony (2004), *The Structure of Social Theory*, Londres: Routledge.
- Silva, Sónia (2003), *A Vez dos Cestos*, Lisboa: Museu Nacional de Etnologia.
- Tunstall, Elizabeth, (2013), Decolonizing Design Innovation: Design Anthropology, Critical Anthropology, and Indigenous Knowledge. In: Gunn, Wendy; Otto, Ton; Smith, Rachel (eds.), *Design anthropology: theory and practice*, Londres e Nova Iorque: Bloomsbury, pp. 232-250.
- Vasconcelos, José Leite de (1933), *Etnografia Portuguesa*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Conferências assistidas na net:

- Bhabha, Homi K. (2013), *The Age of Insecurity*, in Former West: Documents, Constellations, Prospects - Lecture, Disponível em: <http://vimeo.com/68372144>. Consultado em 10/04/2017.
- Dunne, Anthony (2013), *Speculative Everything*, Londres: Resonate. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QbVHXrCB-FBE>. Consultado em 10/04/2017.